

Adorno que cada ideia sobre Baudelaire é o Paris do século XIX «teve de ser arrancada de um reino onde jaz a loucura».<sup>3</sup>

Algo de semelhante ao medo de ser interrompido prematuramente está por detrás destas frases, tão saturadas de ideias como a superfície de uma pintura barroca o está de movimento. Numa carta a Adorno, de 1935, Benjamin descreve o entusiasmo que sentiu quando leu pela primeira vez *Le Paysan de Paris*, de Aragon, o livro que inspirou *Paris, Capital do Século XIX*. «Nunca lia mais de duas ou três páginas na cama em cada noite, porque o meu coração batia com tal força que tinha de deixar cair o livro das mãos. Que advertência!» A paragem cardíaca é o limite metafórico dos esforços e paixões de Benjamin (sofria do coração). E a insuficiência cardíaca é uma metáfora que oferece à realização do escritor. No ensaio em elogio a Karl Kraus, Benjamin escreve:

«Se o estilo é o poder de nos movermos ao largo e ao longo do pensamento linguístico sem cair na trivialidade, ele é alcançado principalmente através da força cardíaca de grandes pensamentos, que impulsionam o sangue da linguagem pelas redes capilares da sintaxe até aos mais remotos membros.»

Pensar, escrever, são, em última instância, questões de vigor. O ser melancólico, sensível à falta de vontade, tem talvez a sensação de que necessita de todas as energias destrutivas que é capaz de reunir.

«A verdade resiste a ser projectada no reino do conhecimento», escreve Benjamin em *Origem do Drama Barroco Alemão*. A sua prosa densa regista esta resistência e não deixa espaço para atacar os que espalham mentiras. Benjamin pensava que a polémica era inferior à dignidade de um estilo ver-

<sup>3</sup> Numa carta de Benjamin a Adorno escrita de Nova Iorque a 10 de Novembro de 1938. Benjamin e Adorno conheceram-se em 1923 (Adorno tinha vinte anos) e em 1935 Benjamin começou a receber um pequeno subsídio do Institut Für Sozialforschung, de Max Horkheimer, de que Adorno era membro.

dadeiramente filosófico e procurava, em troca, aquilo a que chamava a «plenitude da positividade concentrada»: o ensaio sobre *As Afinidades Electivas*, de Goethe, com a sua devastadora refutação do crítico e biógrafo de Goethe, Friedrich Gundolf, é a única excepção a esta regra entre os seus escritos importantes. Mas a sua consciência da utilidade ética da polémica levou-o a apreciar uma instituição pública vienense de um só homem, Karl Kraus, escritor cuja facilidade, estridência, amor pelos aforismos e incansável energia polémica o tornavam bem diferente de Benjamin.

O ensaio sobre Kraus é a defesa mais apaixonada e perversa feita por Benjamin sobre a vida espiritual. «A pérfida acusação de ser demasiado inteligente obcecou-o durante toda a vida», escreveu Adorno. Benjamin defendeu-se desta difamação filistina erguendo com coragem o estandarte da «desumanidade» do intelecto, quando empregado de modo adequado (quer dizer, eticamente). «A vida das letras é uma existência sob a exclusiva égide do espírito, tal como a prostituição é uma existência sob a égide exclusiva da sexualidade», escreveu. Uma tal afirmação celebra tanto a prostituição (como fez Kraus, pois a sexualidade exclusiva era sexualidade em estado puro) como a vida das letras, tal como fez Benjamin, usando a surpreendente figura de Kraus, por causa da «função genuína e demoníaca do espírito, que consiste em ser um perturbador da paz». A tarefa ética do escritor moderno não é criadora mas destruidora. Destruidora da introspecção superficial, da consoladora ideia do universalmente humano, da criatividade do amator, e das frases vazias.

O escritor como látego e destruidor retratado na figura de Kraus foi esboçado com concisão e ainda maior audácia no alegórico *O Carácter Destrutivo*, igualmente escrito em 1931.